



AS WE FADE

Saodat Ismailova

Kunsthalle Lissabon, Lisboa,
até 22 de novembro

Como tornar visível, quase tangível, a memória coletiva e, mais do que isso, a sua modelação em mito? Esta questão está muito presente nas intervenções artísticas de Saodat Ismailova (1981), uma artista e cineasta proveniente do Usbequistão sediada em Paris. Nesta segunda apresentação em Portugal (depois de uma passagem recente pelo Cinema Batalha, no Porto, com o filme “Melted Into the Sun”) mostra “As We Fade”, uma instalação-filme de 2024 em que a natureza da memória ocupa um papel central. No seu dispositivo, as imagens são derramadas por 24 painéis de seda como um eco que se alonga no tempo, esfumando-se no percurso até

encontrar outras imagens. Deste modo, a memória, e o seu caudal evanescente torna-se tanto mais fisicamente efetiva quanto a sua presença assume um carácter spectral. Neste trabalho, Ismailova convoca a montanha de Sulaiman-Too, um local ancestral de culto situado na cidade de Osh, no Quirguistão, cuja vocação sagrada foi se metamorfoseando ao longo dos tempos, das conjunturas políticas e transformações étnicas ao mesmo tempo que era sujeita a dessacralizações violentas. A artista utiliza imagens que datam desde o final dos anos 1920; outras que testemunham a crença de que o contacto físico com as reentrâncias naturais da montanha podia curar patologias e esconjurar dificuldades pessoais; bem como imagens de um museu ali criado na era soviética e vistas captadas por drone. É mostrada ainda a escultura em resina “The Mountain in Our Bodies Emptied” que reproduz o relevo de Rusha-Unkur, uma das grutas mais veneradas daquele complexo montanhoso. Cruzando geologia, geografia e memória, Saodat sugere que entremos num túnel da história de um país, fazendo-nos reparar, através das imagens e do modo como as apresenta, como a anatomia desse túnel é também ela a de um corpo em movimento. / **CELSO MARTINS**